



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento
DERAL - Departamento de Economia Rural

BOVINOCULTURA DE LEITE
08 de Agosto de 2018

Cotações e Atual Conjuntura da Atividade

Os preços do leite e derivados tem se elevado nos últimos meses. Segundo os preços levantados pelo DERAL, os valores recebidos pelos produtores se elevaram em 6,8% comparando-se o mês de julho de 2017 ao mesmo mês de 2018. O corrente ano têm apresentado altas mais expressivas. Se compararmos o mês de junho (2018) a julho (2018), a alta foi de 10%.

TABELA 1- LEITE – Paraná – Preços Médios Estaduais Recebidos pelos Produtores e Variação

Meses	Valor (R\$/litro)	Variação (%) Julho 17/18
Julho 2017	1,32	6,8
Julho 2018	1,41	Variação (%) Junho/Julho 18
Junho 2018	1,28	10

Fonte: SEAB/DERAL

No mercado varejista é aonde tem ocorrido as maiores altas de preços nos últimos meses. Dos nove produtos levantados pelo DERAL, sete apresentaram altas significativas comparando-se julho de 2017 a julho de 2018, a maior alta observada foi no leite longa vida (36,92%), produto que está entre os mais demandados pelos consumidores. O leite em pó e queijo prato, foram os dois produtos lácteos que apresentaram redução no período, embora pequena a queda provavelmente tenha acontecido devido a situações pontuais de produção, estoques e logística.

TABELA 2 - LEITE E DERIVADOS – Paraná – Preços Médios Estaduais no Varejo e Variação

Produto	Julho 2017	Julho 2018	Variação (%)
Leite em pó (400g)	10,89	10,76	-1,19
Longa vida (l)	2,60	3,56	36,92
Pasteurizado (l)	2,75	3,09	12,36
Manteiga extra (200g)	6,73	7,18	6,68
Queijo minas frescal (kg)	28,69	29,74	3,65
Queijo muzzarella (kg)	26,29	28,89	9,88
Queijo parmeão (kg)	67,50	71,78	6,34
Queijo prato (kg)	34,50	34,04	-1,33
Queijo minas prens. (kg)	40,39	42,02	4,03

Fonte: SEAB/DERAL

Altas nas Cotações dos Lácteos (Causas)

O acréscimo nos preços pagos aos produtores, assim como nas cotações no mercado varejista tem algumas causas típicas e atípicas como:

- Entressafra:

A entressafra do leite é uma situação que ocorre anualmente, mais expressivamente entre os meses de junho a setembro, causando redução das pastagens e consequente queda na produção leiteira. Este ano (2018), o fato atípico foi a estiagem de quase 50 dias entre os meses de abril e maio, o que atrasou significativamente o desenvolvimento das pastagens de inverno (aveia e azevém); provocando prejuízos na alimentação dos rebanhos e aumentando os custos de produção, uma vez que os produtores tiveram que lançar mão de outras alternativas de alimentação a altos preços.

- Alta nos Custos de Produção:

A atividade leiteira, vêm a alguns anos apresentando altas consecutivas nos custos de produção. A crise econômica e inflação, acarretaram em alta nos preços de insumos como: luz, água, combustíveis, alimentação, medicamentos, sal mineral, entre outros. Fatores que oneraram a atividade leiteira, tanto dentro da fazenda como nos laticínios, aonde existe alto consumo principalmente de água e energia.

Somado a esta situação, a alta do milho observada mais expressivamente no ano de 2016, elevou drasticamente os custos com a atividade, uma vez que este produto é parte fundamental na composição da dieta das vacas leiteiras. Nesta ocasião muitos produtores diminuíram seus rebanhos, na intenção que reduzirem os custos, com casos inclusive de abandono da atividade. Como consequência, houve logicamente redução da produção leiteira, não só no Paraná, mas em vários estados importantes produtores como Minas Gerais, Goiás e São Paulo.

Este cenário de alta de custos e redução na produção, embora tenha sido mais expressivo no ano de 2016, ainda hoje mostra seus reflexos, pois uma recomposição da produção leiteira não se recupera a curto prazo.

- Greve dos Caminhoneiros:

A greve dos caminhoneiros certamente foi o fator atípico que mais impactou a cadeia leiteira no ano de 2018. Os dez dias da paralisação nacional dos caminhoneiros, causou um prejuízo próximo de R\$ 1 bilhão para toda cadeia agropecuária do Paraná. Segundo cálculos do Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar), os prejuízos foram provocados com a interrupção das atividades em 25 agroindústrias que atuam nos setores: lácteos, carnes, grãos, açúcar, álcool e fertilizantes. Diariamente, nove plantas deixaram de abater 2,3 milhões de cabeças de aves, quatro deixaram de abater 12,7 mil cabeças de suínos, duas deixaram de abater 180 mil tilápias e seis agroindústrias deixaram de processar 3 milhões de litros por dia.

Falando-se em lácteos, produtores cooperados, juntamente com as seis agroindústrias de processamento de leite das cooperativas paranaenses, tiveram que descartar durante a paralisação, mais de 25 milhões de litros de leite impróprios para o consumo, um prejuízo estimado de R\$ 32,5 milhões.

O fator greve e interrupção no transporte teve dois vieses na produção leiteira. Um interrompeu a captação nas propriedades, fazendo com que os produtores fossem obrigados a descartar o leite produzido, pois o tempo de armazenamento nos resfriadores que geralmente é de 48 horas, não permitiu suportar um estoque em dez dias de greve.

Estes produtores não comercializaram este produto, entretanto tiveram que manter os gastos com a produção o que ocasionou descapitalização dos mesmos.

O outro viés, foi o da falta de alimentação para o rebanho. A ração não chegou a propriedade, e, sabemos que a vaca em lactação tem grandes exigências nutricionais e quando são submetidas a “*stress*” nutricional a produção cai abruptamente, levando-se as vezes, alguns meses para se estabilizar novamente. Foi esta situação que ocorreu em muitas propriedades leiteiras em nosso Estado: produtores foram obrigados a reduzir o arraçoamento das vacas, o que fez com que a produtividade diminuísse, esta produção não se eleva novamente a curto prazo, pois o animal tem toda uma estrutura fisiológica que precisa ser adaptada e recuperada para que volte a exprimir todo o seu potencial.

Além destas situações, os derivados lácteos também não foram transportados das indústrias aos mercados, perdendo-se produtos por problemas de estocagem e processos produtivos, a falta da oferta destes produtos no mercado sustentou os preços, que permanecem em altos patamares (tabela 2). Ainda hoje, todos os elos da cadeia ainda sentem no bolso os efeitos da greve, passando por produtores, indústria e consumidores.

Como foi explicado, todos estes fatores ocasionaram queda na oferta do produto que estão se refletindo em preços altos nas gôndolas dos supermercados.

Uma redução nas cotações, tanto nos preços pagos aos produtores como no varejo depende de uma recuperação de oferta, que deve melhorar ao fim da entressafra e com a recuperação da produtividade dos rebanhos que foi prejudicada pelo “*deficit*” alimentar durante a greve, o que deverá acontecer nos próximos meses.